

## RESENHA CRÍTICA – *DE ONDE ELES VÊM*, DE JEFERSON TENÓRIO

Alyne Barbosa Lima<sup>1</sup>

*De onde eles vêm* é a mais recente obra de Jeferson Tenório, autor vencedor do Prêmio Jabuti de 2021 pelo romance *O avesso da pele*. Ambas as obras, publicadas pela Editora Companhia das Letras, vêm ganhando cada vez mais espaço no universo literário e acadêmico devido à sensibilidade com que o autor aborda temas como o racismo estrutural e o fracasso de uma sociedade capitalista marcada por profundas desigualdades. Tenório, oriundo do Rio de Janeiro e radicado em Porto Alegre, é doutor em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e possui outras duas obras publicadas: *O beijo na parede* (2013), pela Editora Sulina, e *Estrela sem Deus* (2018), pela Editora Zouk.

O enredo se passa no Sul do Brasil, mais precisamente em Porto Alegre, e por meio de uma narrativa linear, entrecortada por cenas retrocessivas, Joaquim narra suas vivências enquanto homem negro em uma cidade que, segundo dados da Delegacia de Polícia de Combate à Intolerância (DPCI), registrou, em 2022, um aumento de 132% nas denúncias de racismo em relação ao ano anterior. É relevante – e lamentável – destacar também o racismo sofrido pelo próprio autor em 2024, durante uma abordagem policial no Parque da Redenção, em Porto Alegre, episódio que dialoga diretamente com a temática de *O avesso da pele*, obra anteriormente mencionada.

Já nas primeiras páginas do romance, o leitor acompanha uma lembrança de Joaquim aos dez anos de idade, quando ele e a mãe se veem sem casa e sem perspectivas, buscando alternativas diante da pobreza persistente, mesmo após jornadas exaustivas de trabalho. Essa sensação amarga de falta de possibilidades atravessa toda a narrativa e provoca incômodo, como se a vida transcorresse de maneira dispersa e as personagens ocupassem o lugar de passageiros de um ônibus lotado de trabalhadores às cinco da manhã, alimentando uma engrenagem que não permite a ascensão social de

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Jataí (UFJ). Pesquisadora associada à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) (2020-2021). Integrante do Grupo de Estudos Decolonialidade, Interseccionalidades e Educação). E-mail: [alyne.934@gmail.com](mailto:alyne.934@gmail.com)

pessoas negras e pobres: “Não era possível que a síntese da minha vida fosse um ônibus lotado em meio a um calor insuportável de verão” (Tenório, 2024, p.8).

Em contraste com essa visão, no presente da narrativa, Joaquim rememora essa cena ao apresentar, pela primeira vez, um poema autoral na universidade de Letras ao professor Moacir Malta. Ao lê-lo com cuidado – “Comecei a ler, pausadamente, porque queria que todos compreendessem o significado de cada palavra e seus encadeamentos” (Tenório, 2024, p. 6) –, Joaquim recebe elogios dos colegas e do professor, que interpreta o poema como “uma luta física pela permanência do passado, como se este pudesse ser conservado nos desejos” (Tenório, 2024, p. 6). O docente ainda estabelece uma comparação com um poema de Fernando Pessoa, embora o leitor não tenha acesso ao texto mencionado, o que reforça a assimetria simbólica presente no espaço universitário. Essa leitura aponta para a dimensão da interioridade como espaço de resistência, ideia recorrente na obra de Tenório, especialmente quando, em *O Averso da Pele*, o autor afirma a necessidade de “preservar aquilo que ninguém vê”, uma vez que a cor da pele atravessa o corpo e determina modos de estar no mundo, exigindo do sujeito negro a preservação de um avesso que não se reduz às determinações raciais impostas socialmente (Tenório, 2020).

Posteriormente, é revelado que Joaquim ingressou na universidade aos 24 anos pelo sistema de cotas. A obra, portanto, tem como pano de fundo o ingresso dos primeiros cotistas nas universidades brasileiras e o impacto dessa política pública nos espaços historicamente ocupados pelas elites. É nesse contexto que ocorre o despertar racial do personagem, à medida que ele passa a perceber os abismos sociais que o separam de seus colegas majoritariamente brancos. Ainda assim, Joaquim mantém o desejo de tornar-se escritor e deposita na universidade a expectativa de aprimorar sua escrita e suas habilidades interpretativas, embora enfrente inúmeros entraves: “tudo que posso dizer é que quase fui vencido pela burocracia” (Tenório, 2024, p.7).

Em entrevistas, Tenório afirma que não pretende discutir diretamente o sistema de cotas, mas sim refletir sobre os caminhos percorridos por personagens negros após a promulgação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), evidenciando como essa política desorganizou um espaço de poder antes rigidamente controlado. Assim, à medida que os fatos se desenrolam, a narrativa articula uma multiplicidade de temas que se entrecruzam: cada gesto, relação afetiva ou escolha do personagem revela fragmentos

de um tecido social tenso, frágil e profundamente desigual, mas indispensável para a compreensão das vivências negras ali representadas.

De maneira mais ampla, observa-se o desencontro intelectual de Joaquim com as leituras impostas pela universidade. Obras e autores como *Ulisses*, Aristóteles e *Odisseia* são constantemente recomendados, mas não dialogam com suas experiências nem com o projeto de escrita que ele tenta construir. Quando uma universidade sustenta uma grade curricular eurocentrada, instaura-se uma lógica de exclusão que funciona como uma “prisão”: autores consagrados permanecem intocáveis, enquanto produções dissidentes dificilmente adentram o espaço acadêmico, consolidando o que se convencionou chamar de cânone literário. Tal percepção dialoga com reflexões como as de Eduardo de Assis Duarte (2018), ao discutir os mecanismos históricos de silenciamento da literatura afro-brasileira. Essa distância é verbalizada pelo próprio personagem: “Ulisses era um personagem muito distante do que eu entendia como literatura naquele momento” (Tenório, 2024, p. 99).

Essa discussão articula-se diretamente às formulações de Tomaz Tadeu da Silva, que, em *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, afirma que é por meio de processos pedagógicos críticos que os sujeitos podem se tornar conscientes das relações de poder exercidas pelas instituições e, assim, tensioná-las (Silva, 2016). Sob essa perspectiva, os currículos universitários operam como instrumentos de manutenção da hegemonia branca, o que ajuda a explicar as dificuldades de identificação enfrentadas por Joaquim e por outros estudantes negros, que, ainda assim, resistem e buscam formas de reconfigurar esse espaço.

Outro elemento relevante da narrativa é a presença das religiões de matriz africana, que, embora não ocupem lugar central no romance, são fundamentais para a transformação subjetiva do personagem. Diante da opressão e do racismo cotidiano, Joaquim entra em um estado de desalento, como se tivesse perdido o encantamento de si. O reencontro com a religiosidade afro-diaspórica, no entanto, restabelece vínculos com a ancestralidade e potencializa sua reconstrução identitária, aspecto recorrente em leituras contemporâneas da literatura negra que compreendem a memória ancestral como força estruturante do presente.

A relação de Joaquim com a avó e a tia-avó atravessa toda a narrativa. Inicialmente percebida como um fardo, a avó, marcada por lapsos de memória,

transforma-se ao final do romance em símbolo de continuidade e enraizamento: “Minha avó era um baobá, cujas raízes brotavam em mim. A ancestralidade era um desejo terno de envelhecer” (Tenório, 2024, p.185). Essa imagem reforça a centralidade da memória e da ancestralidade na constituição das subjetividades negras, alinhando-se a um discurso literário negro que, conforme aponta Conceição Evaristo (2009), se caracteriza por uma postura ideológica afirmativa, marcada por uma fala enfática e denunciadora da condição do negro no Brasil, mas também comprometida com a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras, distanciando-se de narrativas pautadas exclusivamente pelo lamento ou pela impotência.

Nesse sentido, *De onde eles vêm* evoca a conhecida afirmação de Conceição Evaristo de que a escrevivência “não é para adormecer os da casa grande, mas para acordá-los de seus sonos injustos”. A narrativa de Tenório evidencia o deslocamento da literatura como ideal elitizado – associado à abstração e ao conforto – para a literatura como dissenso e enfrentamento, conforme explicitado pelo próprio personagem: “Quando você lê, viver de maneira harmônica com o mundo é impossível. A impressão é que estamos em constante desacordo com a realidade” (Tenório, 2024, p. 152). Assim, a literatura produzida por autores negros assume um caráter urgente, comprometido com a exposição das fissuras sociais e com a problematização das desigualdades contemporâneas, conforme discutido por Evaristo (2017, 2020).

Conclui-se que *De onde eles vêm* focaliza o temor das elites brancas diante da perda de espaços historicamente monopolizados nas universidades públicas brasileiras. Passadas mais de duas décadas da implementação da Lei de Cotas, pesquisas já demonstram o desempenho acadêmico semelhante entre estudantes cotistas e não cotistas. Nesse contexto, o “para onde eles vão” ressoa como um horizonte de esperança, indicando a possibilidade de que intelectuais negros ocupem novos espaços de poder e promovam a desestabilização da estrutura eurocentrada também em outros âmbitos da sociedade.

## Referências

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: cem anos de resistência*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. p. 17–31.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

TENÓRIO, Jeferson. *De onde eles vêm*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

TENÓRIO, Jeferson. *Estrela sem Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em 17/10/2025

Aceito em 23/12/2025